

PROTAGONISMO DAS MULHERES RURAIS DO ACAMPAMENTO ROSELI NUNES: AGROECOLOGIA E QUINTAIS PRODUTIVOS

Área temática: Comunicação

Felipe Canova Gonçalves¹

Thaís da Silva Ramos²

Resumo: A presente pesquisa visa descrever a experiência das mulheres do acampamento Roseli Nunes com o processo produtivo de alimentos de base agroecológica em seus quintais produtivos. A metodologia consiste na produção de audiovisual com quatro mulheres residentes do acampamento com intuito de proporcionar visibilidade ao trabalho dessas sujeitas; evidenciando o protagonismo na produção e na segurança alimentar de suas famílias e região. Conclui-se, portanto, que tais atividades produtivas desempenhadas pelas mulheres podem ser uma fonte geradora de renda e de transmissão de conhecimento, tornando-as independentes no âmbito pessoal e financeiro. Infere-se também, os benefícios adquiridos pelas famílias e comunidade com a aquisição de alimentos saudáveis sem uso de agroquímicos, assim como, a troca de sementes realizada pelas mulheres dentro e fora do local onde vivem, perpetuando o conhecimento tradicional que as permeia.

Palavras-chave: Mulheres Rurais, Agroecologia, Quintais Produtivos, Segurança Alimentar.

1 INTRODUÇÃO

O acampamento Roseli Nunes, localizado em Planaltina na região norte do Distrito Federal, é composto por cinquenta e cinco famílias que pleiteiam cerca de 240 hectares para a produção agroecológica de alimentos, reflorestamento e agrofloresta. O acampamento compõe o MST-DF, consolidado na região em 1994, abrangendo os estados de Minas Gerais (Noroeste Mineiro) e Goiás (Nordeste Goiano) (SOUZA; SILVA, 2015).

¹ Mestre em Comunicação pela Universidade Brasília (UnB). E-mail: canovagoncalves@gmail.com.

² Graduada em Gestão Ambiental pela Faculdade UnB Planaltina (FUP), Universidade de Brasília (UnB).

O acampamento traz em seu nome uma homenagem à Roseli Nunes, mulher, mãe e acampada do “Sepé Tiaraju” (MST-RS). Teve sua vida ceifada em 31 de março de 1987 após ser atingida por um caminhão desgovernado na BR-386 em Sarandi, Rio Grande do Sul, durante uma manifestação para pressionar o governo em relação à questão agrária do país. (CPTNE 2, 2017).

Tendo como base uma das linhas norteadoras do MST, que visa a “valorização do ser humano na sua totalidade, no qual novos homens e novas mulheres são constituídos de novos valores sociais e coletivos” (SOUZA; SILVA, 2015, p. 2), esta pesquisa pretende relatar as experiências das mulheres com as práticas agroecológicas, a fim de inverter a invisibilidade da mulher no campo rompendo com paradigmas impostos pelo patriarcado.

2 DESENVOLVIMENTO

O processo de formação do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) tem como pilar as ocupações de terra realizadas em diversas regiões do país desde sua gênese em 1979 (FERNANDES, 2000). As ocupações se tornaram um instrumento de luta e resistência do Movimento contra o capitalismo e suas amarras: o latifúndio, o êxodo rural, a exploração e expropriação dos trabalhadores rurais.

O surgimento do MST data de 1979-1985, período em que o Movimento teve como mediador as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), que propiciaram aos trabalhadores rurais espaços de diálogo e organização. A Comissão Pastoral da Terra (CPT), criada pela Igreja Católica, atuou como articuladora dos “novos movimentos camponeses que insurgiram durante o regime militar”. (FERNANDES, 2000, p. 44).

A ditadura militar (1964-1985), mais precisamente na década de 70, cenário de eclosão do Movimento, propiciou o desenvolvimento do modelo econômico que visava à modernização da agricultura, privilegiando latifundiários com subsídios econômicos. (FERNANDES, 2000).

Tendo em vista estes fatores, novas formas de resistência foram criadas por parte dos trabalhadores rurais, dando início às lutas camponesas em todo país contra as imposições do governo militar. Uma das formas de resistência consiste na supracitada ocupação de terras, que tem como objetivo o combate à concentração

fundiária, acesso pelos trabalhadores rurais a terra para garantir a reprodução social e uma sociedade mais justa.

Dentre outras formas de resistência, a agroecologia vem se tornando um instrumento estratégico para os sem-terra, mantendo a população no campo e contribuindo para um estilo de vida saudável. De acordo com Altieri (1995, apud CAPORAL; COSTABEBER, 2004, p.88), a agroecologia pode ser definida como “a ciência ou disciplina científica que apresenta uma série de princípios, conceitos e metodologias para estudar, analisar, dirigir, desenhar e avaliar agroecossistemas”.

A prática da agroecologia encontra-se imbricada com a participação social e ações coletivas. Tal ciência tem sido o elo entre as mulheres do acampamento Roseli Nunes, fortalecendo a produção de alimentos de base agroecológica nos quintais produtivos dessas sujeitas.

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO

Entre os meses de março e julho de 2017, estudantes da disciplina Educação e Comunicação Comunitária, da Faculdade UnB Planaltina (FUP), realizaram saídas de campo para o acampamento Roseli Nunes localizado às margens da DF-345, área rural de Planaltina.

Para a produção de audiovisual, montou-se uma equipe com cinco estudantes para as seguintes funções: Angelina Teles e Nilvânia Alves (produção de argumento e edição), Jadson Barbosa (filmagem), Rosenir Chaves (som) e Thaisa Silva

(direção, roteiro e edição).

A edição e finalização do audiovisual foram realizadas no Laboratório de Educação e Comunicação Comunitária (Lecom/FUP) com a supervisão do docente responsável pelas atividades, Felipe Canova Gonçalves, mestre em comunicação pela Universidade de Brasília (UnB). O programa utilizado para a edição foi o Adobe Premiere versão 2015.

Foram entrevistadas quatro mulheres residentes no acampamento: Marlene Dourado, Odimária Siqueira, Maria Carvalho e Nilma Silva. No total, foram realizadas quatro saídas de campo: duas para a delimitação da problemática e entrevistas, e outras duas saídas para as filmagens dos depoimentos. Os critérios de

seleção utilizados foram: a participação das mulheres na área de produção coletiva do acampamento e cultivo em seus quintais.

Observa-se na figura 1, a diversidade da produção nos quintais que compreende ervas medicinais, hortaliças e frutas. O trabalho feminino é predominante na prática de horticultura e fruticultura, sendo as mulheres responsáveis por todo processo de plantio, colheita e preparo dos alimentos.

Segundo Santos *et al.* (2013, p. 101) o quintal produtivo é:

[...] um espaço de grande diversidade, de acesso fácil e cômodo, o qual se cultivam ou se mantêm múltiplas espécies que fornecem parte das necessidades nutricionais e alimentares da família, bem como outros produtos, como lenha e plantas medicinais e criações de animais domésticos de pequeno porte como: galinhas, patos e cachorros.

Figura 1 - Marlene, produtora rural, mostrando a diversidade da produção em seu quintal.



Fonte: Acervo pessoal/Thaís Silva, 2017.

A condição da terra antes da ocupação caracterizava-se pela monocultura de milho e sorgo. Consequentemente, o solo encontrava-se degradado devido à compactação por máquinas e gados presentes na região (Figura 2).

Figura 2 - Maria, produtora rural, mostrando parte da terra degradada.



Fonte: Acervo pessoal/ Thaisa Silva, 2017.

Porque aqui antes só tinha gado, tinha muito gado, quando nós entramos aqui só tinha gado mesmo não tinha nada plantado. O solo era muito judiado, e assim a gente tem que tentar melhorar dessa forma: reflorestando, não usando químicos nem nada (Maria, produtora rural, entrevistada em março de 2017).

Como forma de recuperar a terra, as mulheres praticam a agroecologia, o consórcio de culturas e o reflorestamento com plantas nativas do cerrado. Usam técnicas conservacionistas como o plantio direto, que visa cobrir o solo por meio da adubação verde. A cobertura do solo minimiza o impacto da chuva e, conseqüentemente, a erosão hídrica e assoreamento de rios e lagos.

O desafio atual enfrentado por essas mulheres consiste na aspersão de agroquímico nos hectares adjacentes ao acampamento e no uso racional da água em virtude da pouca disponibilidade. O acampamento é abastecido por uma mina que irriga (por gotejamento) a área coletiva de produção (Figura 3), assim como abastece as cinquenta e cinco famílias residentes.

Figura 3 - Área de produção coletiva do acampamento.



Fonte: Acervo pessoal/ Thaisa Silva, 2017.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observou-se que a produção nos quintais produtivos é predominantemente para subsistência. No entanto, a produção pode ser vista como fonte de renda num futuro próximo por meio da organização entre as mulheres, aproveitando assim o potencial produtivo de cada quintal.

A troca de sementes é uma prática ainda nova entre as mulheres. Esta prática contribui para a transmissão e fortalecimento do conhecimento tradicional dentro e fora do acampamento. Os benefícios se resumem na variabilidade genética das sementes crioulas, contribuindo para a sustentabilidade do agroecossistema no qual estão inseridas.

Estas mulheres, conscientes do papel que representam para a segurança alimentar e nutricional de suas famílias, optaram pelo sistema produtivo isento de agroquímicos combinando diferentes culturas e técnicas naturais para o combate de pragas em seus cultivos. São responsáveis pela recuperação da área ocupada utilizando conhecimentos adquiridos pela vivência e pela assistência técnica local.

REFERÊNCIAS

CAPORAL, F.R; COSTABEBER, J.A. Agroecologia e Extensão Rural: contribuições para a promoção do desenvolvimento rural sustentável. Porto Alegre (RS), 2004, p. 153.

COMISSÃO PASTORAL DA TERRA NORDESTE 2 (CPTNE2). Roseli Nunes: Mártir do campo. Recife, PE. Disponível em: <https://www.cptne2.org.br/index.php/publicacoes/noticias/noticias/2018-roselinunes-martir-do-campo>>. Acesso em: 18 mai. 2017.

FERNANDES, Bernardo Mançano. A Formação do MST no Brasil. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000, p.316.

SANTOS; A.S.; OLIVEIRA; L.C.L.; CURADO; F.F.; AMORIM; L.O. Caracterização e desenvolvimento de quintais produtivos agroecológicos na comunidade Mem de Sá, Itaporanga D'Ajuda/Sergipe. Revista Brasileira de Agroecologia, Sergipe, p. 101-111, 2013.

SOUZA, A. F.; SILVA, M. A. B. R. Mulheres da Reforma Agrária do Assentamento Pequeno William: Utilizando práticas agroecológicas. In: Mulheres da Reforma Agrária do Assentamento Pequeno William: as suas práticas agroecológicas no fortalecimento da auto-sustentação. 2015. Monografia (Aperfeiçoamento/Especialização em Residência Agrária), Universidade de Brasília (UnB), 2015.